

# Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno . . . . .	Fr.	14 <sup>00</sup>
	Semestre . . . . .	—	7.50
	Numero avulso . . . . .	—	0.30

## SUMMARIO :

*A proposito das entrevistas com S. M. El-Rei e com o snr. Poincard.*

*Colloquio instructivo d'um soldado com um coronel.*

*Observações a um leitor, que quer que nós construímos...*



DEIXEMOS sem mais longos commentarios, na nossa entrevista com o snr. Léon Poincard, a primeira parte, que se refere a alguns problemas da administração e da vida social portugueza, tal como elles se encontram postos depois e por obra da Republica.

Um justificado e respeitavel melindre da parte do snr. Poincard, aliás por nós correspondido com um escrupulo d'analogia natureza, impediu-nos, a um e outro, de discernos de braço dado desde as generalidades theoricas até á sua applicação a cada um dos casos especiaes que concretamente nos offerece, n'este momento, a nossa vida nacional.

Evidentemente se quizessemos (é o caso de se dizer) *apertar as hypotheses* ao nosso interlocutor, o illustre homem de sciencia encontrar-se-ia em frente d'um tal chorrilho de disparates sahidos das referentes cachimonias dos nossos varios reformadores republicanos, que não lhe seria difficil fazer d'este regimen meio-tragico, meio-comico, um juizo, e tampouco exprimir-o logo.

Mas com isso não ganharia a auctoridade do seu depoimento ; e de resto, que pudera elle dizer, que para o espirito do leitor não resulte claro e nitido d'aquillo mesmo que effectivamente disse? Não ha

mais do que tirar das palavras do eminente professor as conclusões logicas, applicando-as ao que nos vae por casa.

Por outro lado ainda, as ideias geraes d'economia, de politica e d'administração que o snr. Léon Poincard indicou constituem de ha muito materia assente e indiscutida para qualquer espirito mediocrementemente culto ; o sabio economista não fez mais do que formulal-as, com aquelle poder de synthetização e aquella clareza d'expressão, que representam um dos seus mais característicos talentos e uma das razões do prestigio da sua obra.

Toda a gente sabe que uma tributação excessiva produz, não só o depauperamento do contribuinte — o que é de toda a evidencia — mas, e como consequencia d'isso, a immediata reduccão das receitas do Theouro ; todas as pessoas soffrivelmente illustradas, ou capazes de raciocinar por dois minutos seguidos sem ter tonturas, sabem que a politica demagogica da *guerra aos ricos* — que aos simplissimos espiritos dos *intellectuaes* da Republica ainda apparece como uma forma de conseguir uma melhor distribuição da fortuna — nunca deixou de redundar n'um empobrecimento geral, e antes de tudo, e principalmente, n'um accrescimo das difficuldades e privações das classes proletarias ; ninguem que se prese ignora hoje que as perseguições religiosas, deixando invariavelmente a religião no goso da mais invejavel saude, constituem uma das mais abundantes fontes de perturbação moral e material que a filauciosa inconsciencia de legisladores de *cacaracá* póde fazer surgir no seio d'um povo.

Do modo que a sentença não só dos especialistas mas da opinião commum sobre a obra inepta e nefasta d'este caricatural regimen politico, fundado por uma aventura militar d'operetta e exercido pela pualha intellectual — e moral — do paiz, está de ha muito lavrada.

O que falta é executal-a.



Mais interessantes, sem duvida, para o leitor portuguez, são as curiosas informações que o nosso illustre interlocutor lhes forneceu ácerca da personalidade do Senhor D. Manuel II — bastante ignorada nos seus traços essenciaes como a de quasi todos os Monarchas — e os austeros juizos emittidos, ácerca d'El-Rei, por um homem tão desinteressado quanto por todos os titulos qualificado para o fazer.

Já, em Sophocles, Créon, o velho rei de Thebas, considerava que não faltam amigos aos imperantes, quando a nau do governo navega em mares bonanzosos... Esta nautica metaphora nos corrobora na ideia hoje geralmente accete de que *nihil novi sub sole*, e de que se alguns almirantes do Senhor D. Manuel II se pozeram menos honrosamente (como o vulgo diz) *ao fresco*, assim que a barca do Estado começou a resentir-se mais notavelmente das avarias que elles proprios, aliás, lhe tinham produzido — já os mythologicos Reis da tragedia classica se lamentavam, á sua parte, de não serem codjuvados por tripulações providas de maior lealdade, nem de mais vergonha. Tambem, a acreditar os queixumes de Créon, floresciam nos limos da Beócia as *Venerandas Reliquias*...

Tem sido raros sempre aquelles que, sabendo nos tempos afortunados calar-se e perder-se na turba, tambem saibam não faltar nas horas más com o seu tributo d'affeição e de justiça.

Tem o Senhor D. Manuel II soffrido, no decurso d'estas férias régias, todos os desenganos de que a miseravel natureza humana faz invariavelmente cortejo, nas suas vicissitudes, áquelles que exercem o poder; desenganos accrescidos, n'este caso, pela circumstancia de se tratar d'uma sociedade largamente corroída sob o ponto de vista moral, e onde os sentimentos de decoro, de lealdade, de respeito

proprio, pareciam, como o ar atmosferico, rarificar-se á medida que se subia... A primeira adhesão politica á Republica, quando este monstro teratologico soltava ainda o seu primeiro urro, foi (se não considerarmos a adhesão congenita e effectiva dos então Presidente do Conselho e ministro da Guerra) foi a d'um chefe de partido, o snr. José d'Alpoim. Ainda de todo se não dissipára no ar a fumaceira dos tiros com que um sargento « rebelde » se obstinava em resistir aos poderes republicanos e lhes repellir a bandeira, sob o pretexto verdadeiramente capcioso de que não era digno render-se emquanto lhe restassem alguns soldados munidos d'alguns cartuchos — e já um general, antigo ministro do Senhor D. Manuel, desempenhando no momento uma alta missão de confiança, o snr. Elvas Carneira, abria garbosamente a bicha dos adhesivos militares, fazendo assim o pouco invejavel *pendant* da rabona civil do chefe dissidente.

Mas a par d'estas tristes coisas, e de multidão d'outras analogas que não se póde pretender enumerar, tem tido o exilado Rei a consolação inapreciavel de vêr prestarem-se ás suas intenções e aos seus actos preitos de justiça, que ordinariamente os Soberanos destituídos não conhecem... senão no dia immediato ao da sua restauração.

Quer isto dizer, sem duvida, que S. M. teve em meio de tudo a fortuna de lidar com alguns homens de bem; mas por outro lado significa que muitos são e muito reaes os meritos do Senhor D. Manuel, pois individualidades por todos os titulos eminentes como o snr. Léon Poincard, se são insusceptiveis de denegar a sua homenagem á intelligencia e ao character d'um Principe que lh'a merece, só porque esse Principe não está no throno em que o conheceram — tambem, e pelas mesmas razões de probidade, incapazes são de deixar ditar as palavras a que ligam a responsabilidade do seu nome illustre por um insincero e vão cortezanismo, que além de tudo nenhum interesse poderia explicar.



Mostra-nos esta palestra com o sabio economista que em 1909 visitou Portugal o mesmo que já se podia adivinhar na entrevista precedentemente concedida á nossa CHRONICA pelo Senhor D. Manuel II : isto é, no meio do descalabro em que ia o paiz, e com elle a Monarchia — o Rei, por assim dizer sósinho, dentro do mechanismo governativo da nação, procurando supprir com os seus vinte annos e com os limitadissimos recursos da sua acção de Monarcha constitucional, tudo quanto em torno via faltar em sizudez, em zelo e em dedicação pelos interesses do paiz e do regimen.

O quadro offerecido por este Principe juvenil, tentando atravessar-se nos limiares além dos quaes rugia a onda revolucionaria, para defender no meio do geral desvairamento a continuidade historica da Monarchia que representava e a felicidade do paiz ameaçado — não sabemos se forneceria a um poeta de genio os elementos d'uma tragedia com sabor antigo.

Considerações politicas podia com certeza suggerilas, e larguissimas, se valesse verdadeiramente a pena d'estar remexendo um passado que é — conforme se queiram considerar as coisas — ou já muito afastado, ou excessivamente proximo de nós.

Tinha o paiz indubitavelmente, mesmo e sobretudo entre o seu pessoal politico militante, homens de capacidade, para poderem collaborar com a Corôa no esforço que esta (agora se vê) sonhava realisar em prol do resurgimento patrio. Mas ninguem ignora que a liberdade constitucionalmente reconhecida ao Rei de nomear e demittir os seus ministros é tudo quanto ha de mais contingente e relativo, e que na pratica o Monarcha quasi não pôde senão submeter-se aos governantes que as circumstancias lhe impoem, e por todo o tempo que lh'os impoem, mesmo quando

elles se chamam Ferreira do Amaral e se chamam Teixeira de Sousa (\*).

Por outro lado ainda, seria injustiça negar que entre os ministros do Senhor D. Manuel os houve competentissimos, sob todos os pontos de vista, para exercerem das cadeiras do governo uma acção proficua. Mas é exactamente um d'esses quem nos vem deixar deprehender as difficuldades que se oppunham, então, ao triumpho de qualquer larga iniciativa na administração publica, não conseguindo algumas vingar senão por virtude da intervenção directa do Chefe do Estado (\*\*).

E finalmente, só facciosos não reconheceriam que dos ministros d'este reinado não fôram poucos aquelles que, tendo exercido os seus cargos d'uma fórma apagada, ou mesmo de todo em todo desastrosa, no emtanto ostentavam no seu passado politico e nos titulos do seu real valor a garantia de poderem utilmente governar, tirados que fossem da esterilizadora atmospheria que uma questão imbecil — a questão republicana — tinha creado na vida publica portugueza, absorvendo e inutilizando a total actividade dos governantes; — quando os não levava a fraquezas, hesitações e transigencias, lastimosas sim, mas no fim de tudo humanas e, dentro de certo limite, desculpaveis.

Seja porém como fôr e em todos os casos, a verdade que nitidamente resalta de tudo quanto vae sendo conhecido, é que as culpas da inanidade governativa em que se cahira — a qual, com o não ser tanta quanto diziam os inimigos das Instituições, era ainda assim bastante extensa e perniciosa — essas culpas podiam

---

(\*) Joaquim Leitão, nos inqueritos de tão vivo interesse historico, publicados no seu DIÁRIO DOS VENCIDOS e no vol. OS CEM DIAS FUNESTOS, apurou que dos numerosos homens publicos consultados pela Corôa quando se produziu a crise do ministerio Beirão, parece que só dois, os snrs. Vasconcellos Porto e Jecinho Candido, não aconselharam ao Monarcha a chamada do snr. Teixeira de Sousa...

(\*\*) O snr. D. Luiz de Castro, no seu vol. CREDITO AGRICOLA DEMOCRATICO (1911) Cf. fase. n.º 17 da CHRONICA.

pertencer aos politicos e ás circumstancias em que elles eram compellidos a governar; podiam pertencer aos republicanos, cuja incapacidade os circumscrevia á acção meramente negativista de nem fazerem, nem deixarem fazer; podia pertencer ao conjuncto do paiz, que em vez de se preoccupar com as questões vitaes d'administração publica e de appoiar activa e efficazmente, contra tudo e contra todos, os estadistas que por mais d'uma vez tentaram fazer enveredar por esse caminho o governo do Estado — o que fazia era deixar estes abandonados sem defesa a todas as ciladas dos adversarios e prestar á irrequieta, destructiva e dissolvente facção revolucionaria, se não o seu applauso, ao menos o estímulo do seu silencio e da sua curiosidade. Podiam ser de todos; de quem não eram, era do Rei, que antes pelo contrario nos apparece agora como quasi a unica entidade que no meio de todo aquelle borbórinho guardava o sangue-frio para pensar sériamente em ser util ao paiz.

Quando a liquidação de facto da aventura republicana tiver saneado a atmospheria politica e tornado possivel o governo, possa o paiz encontrar em todos os seus dirigentes d'amanhã — que em parte terão que ser e convém que sejam os de hontem — sempre tanto amor, tão desinteressada dedicação pelos negocios publicos, como aquella que discreta mas assiduamente lhes votava o moço Rei, que sonhára tornar fecundos o silencio e os ocios d'um Paço!



**Tudo ás  
avessas**

No julgamento de D. Constança Telles da Gama pelo Tribunal Marcial houve um episodio que escapou quasi de todo á attenção do grande publico, cujo interesse se encontrava naturalmente absorvido pelo caso estupendo d'aquella nobilissima Senhora, chamada ao banco dos accusados para o transformar, não já n'um throno da justiça como a tantos outros acontece, mas em altar de santidade.

Esse episodio foi o do interrogatorio d'um dos có-reus, o soldado Gomes Leite, pelo engaloado presidente d'aquella chafarica, timida e submissa tutelada da outra não menos nem mais fandanga tropa, que veneram sob o nome de *Carbonaria*.

Não se concebe situação mais comica — digamos comica — do que a d'aquelle official, que depois de ter jurado duas bandeiras, servindo-as ambas, certamente, com igual convicção e tanta lealdade como servirá amanhã uma terceira, se lhe viér a geito — vae para o tribunal travar com um seu soldado, e reu, dialogos como este :

— Você é monarchico?

— Sou, sim senhor.

— ? ! ? ! ? ! ? ! — fazia o marcial presidente, assombrado. Ao que o humilde e honradissimo *magalla* singelamente replicava :

— Sou monarchico porque jurei uma vez fidelidade ao Rei, e me parece que esse juramento o tenho que respeitar.

Aqui o presidente, bem entendido, tinha uma multidão de razões com que poderia esmagar o galucho solerte, aproveitando a occasião de lhe incutir uma lição de disciplina e de pundonor militar, da maneira como tudo isso é comprehendido e praticado pelos heroes post-republicanos. Mas pensando bem que afinal de contas a maneira mais simples de lhe rebater os argumentos ainda era despachal-o para a Penitenciaria — pois para isso, e para mais nada, é que ali estava — limitou-se a pigarrear, a assumir uma nobre attitude de julgador severo e impassivel, roncando lá do alto para o *traidor*, com o mais mavortico accentto :

— Ora o réu responda ao que lhe pergunto, e abstenha-se de fazer considerações !...

D'ahi a pouco, porém, o mesmo réu, imbuido por certo d'um ominoso espirito militarista, protestava, em nome da respeitabilidade da sua farda, contra o facto de o terem degradado do fôro propriamente militar, internando-o nas cadeias civis e submettendo-



o a julgamento por um tribunal que não era o privativo da sua classe.

Novo espanto magno do presidente! N'um gesto instinctivo mirou a propria farda, que valorosamente envergára n'essa manhã para ir julgar D. Constança da Gama. Pareceu-lhe limpissima. Acaso não lh'a teriam escovado os carbonarios?...

Seja como fôr, tossiu e retossiu, impertigou-se, e n'aquelle féro tom com que no ardor dos combates costuma dar as vozes de commando que precedem immediatamente a exterminação total do inimigo, ribombou :

— Ora o réu não fará favor de responder ao que lhe pergunto, abstendo-se de considerações descabidas?...

Delicioso !

O caso lembra um outro, occorrido logo depois da proclamação da Republica entre o saudosissimo Conde d'Arnosó e um official-general, cuja conducta foi durante a revolução das mais deploraveis, mas cujo nome omittirei, visto que já está na terra da Verdade a dar conta da tristissima moeda com que pagou os favores excepcionaes, recebidos da Monarchia e dos Monarchas em toda a sua carreira militar.

Quem sabe se já aguilhoado pelo successo de menosprezo que a sua conducta despertou no espirito publico, fôra esse commandante bater á porta do Conde d'Arnosó, e esforçava-se entre um circulo de ouvintes por explicar, como podia, as razões da sua defecção na defeza d'instituições e de pessoas, cuja salvaguarda se encontrára tão mal confiada á sua honra. E a este proposito relatou, como signal do relaxamento a que tinha chegado a disciplina no exercito, que « até um sargento seu subordinado ouçára desobedecer ás suas instrucções, teimando em resistir e em dar tiros, á frente de meia duzia de soldados, emquanto elle general lhe telephonava desesperadamente e em vão a ordem de se render aos revolucionarios » !...

Terminando com este effectivamente eloquentissimo exemplo, perguntava como quem se sente em definitiva rehabilitado perante a Historia :

— Que me dizes tu, Bernardo? que me dizes a este sargento?

Escutára-o o Conde em silencio, com aquelle seu ar mixto de tédio, de contida revolta e tambem de vago espanto, que o austerissimo homem de bem tinha ganhado nos ultimos tempos da sua exemplar existencia — dir-se-ia que surprehendido e alarmado de verificar até que vórtices d'ignominia podia descer uma humanidade, que elle até ahi conhecêra quasi só pelos aspectos brilhantes da vida de côrte, vista da elevada esphera em que concorrentemente o tinham collocado os seus talentos, o seu nascimento e o seu diamantino character. E áquella pergunta, então, tomando á parte o general por um braço, respondeu assim :

— O que te digo, homem desgraçado? Digo-te que esse sargento merecia ser ó que tu eras... e que tu não merecias ser sargento!...

Não é o commentario que occorre ao inverosimil colloquio de Tribunal Marcial, entre o julgador e o réu?...

E d'ahi talvez não seja inteiramente.

Porque, sem duvida, o coronel merecia bem estar no logar do réu ; por outro lado, o modesto e briossissimo soldado é que não merecia que lhe déssem o papel d'aquelle presidente!...

Não tinha bojo para isso.



**A** Tem a CHRONICA um assignante **construcção** rabugento, ou possuido do vicio parlamentar dos ápartes, que se compraz em resingar comnosco de vez em quando, pelo que dizemos, pelo que não dizemos, e pelo que elle entende que deviamos fazer. Agora nos escreve : « É certo que a propaganda opposicionista dos republicanos foi toda de negação, toda de destruição. Mas os senhores tambem pela sua parte o que fazem senão combater, criticar, destruir, negar? Porque não constróem?... »

Podíamos pela nossa parte, insatisfeito leitor, responder-lhe apenas que a CHRONICA não é um directorio de partido, nem um *comité* revolucionario, nem conta ser encarregada de formar governo por occasião da restauração, e que por este conjuncto de razões póde em consciencia tranquilla deixar a outrem a missão, que possivelmente terá sido desempenhada, de construir o que pede o nosso desconhecido correspondente.

Mas com que então, que construâmos, ou que não nos queixêmos do méro negativismo dos republicanos?

Ha ahi, se o leitor o consente, ao menos duas pequenas differenças, para as quaes nos permittimos chamar a sua attenção, e dos outros que raciocinam como o senhor.

A primeira, bastante característica, está em que nós vamos para a *contra-revolução*, ao passo que os republicanos queriam effectuar, e politicamente effectuaram, uma *revolução*.

Ora o conhecimento do passado diz-nos que, dentro d'uma regra geral a que o nosso caso manifestamente se não esquivava, a missão das revoluções é fazer asneiras, e a das contra-revoluções é desfazel-as.

Esta ultima, é de toda a evidencia que demanda muito menos espirito inventivo e muito menos projectos grandiosos do que aquell'outra.

A segunda differença — oh ! um nada, uma *nuance* ! — é que o partido republicano esteve pelo menos trinta annos funcionando no paiz livremente, nomeando directorios, elaborando programmas, reunindo-se em congressos, elegendo deputados, celebrando comicios e effectuando, afóra tudo isso, amplissima propaganda pelo jornal, pela revista e pelo livro — com o objectivo declarado de reformar d'alto a baixo a organização politica, social, eoomica, financeira e administrativa do paiz.

Isso sim, que exigia muito mais do que a méra critica destructiva, e não só o exigia como excellentemente o permittia, desde que a legalidade da propaganda republicana, como propaganda, nunca foi

contestada pelos poderes monarchicos. E todavia, o que ficou d'esses trinta annos de preparação republicana e redemptora? Lérias, tolices, verrinas, calumnias, sociologices do snr. Theophilo, palermices lyricas do snr. Arriaga, empalmanços de cartas pelo snr. Affonso Costa, saracoteadelas do snr. Bernardino, que parece ter, como o lacrau, a peçonha no trazeiro — para tudo isto, convenientemente regado d'odios e adubado de caninos appetites, vir a florescer na coisa torpe que desde 1910 ahi se patenteia.

A opposição nossa, dos monarchicos, é feita da cadeia ou do exilio. Construir?... Precioso leitor !

Quer então que quando meia duzia de faccinoras arvorados pelas auctoridades em vigilantes da Republica nos agarra e sepulta n'um carcere, ou quando um recado da policia nos arranca á familia e á Patria, pondo-nos simplesmente no olho da rua, nós jornalistas nos voltemos na linha da fronteira, ou atravez das grades da prisão, para triumphantemente replicar: « Perdão, os cavalheiros pódem fazer o que quizérem, mas ha uma coisa a que eu não renuncio, e com que emquanto tiver folego, do fundo das masmorras ou das solidões do exilio hei de atormentar os dias da Republica : essa coisa, senhores, é o meu plano de reorganização administrativa pelo restabelecimento das circumscripções provinciaes ! » E quando os nossos morrem assassinados nas ruas, ou envenenados por mysteriosas chicaras de chá, ou succumbem ás torturas moraes e physicas que lhes infligem nos calabouços da Republica, ha quem pretenda que lhes vingemos a memoria publicando em varias linguas e distribuindo profusamente... um projecto de cultura dos baldios !

Ah ! lusitano, lusitano ! O mais imprevisito dos seres da criação !...

ANNIBAL SOARES.